

# **A LITERATURA SURDA E O SEU USO NA EDUCAÇÃO ESPECIAL NA REDE PÚBLICA DO RECIFE**

Daisy Melo  
Universidade Federal de Pernambuco

## **RESUMO**

A literatura sempre foi um importante fator no desenvolvimento da leitura, letramento e identidade dos indivíduos, abre portas para um novo mundo repleto de possibilidades e ajuda na construção de diversos elementos cognitivos. Para os indivíduos surdos que utilizam a língua de sinais, as produções literárias em sua língua ainda caminham a passos lentos, devido a diversos fatores históricos e socioculturais. Veremos brevemente, como os professores do ensino fundamental de Educação Especial vêm ajudando a esses indivíduos a erguerem pontes que os conectem com o universo literário na construção do conhecimento linguístico, identitário e cultural que possibilite um contato com a sua cultura e a do outro, diante de tantos desafios que surgem todos os dias.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura surda, Educação Especial, universo literário, identidade, cultura, ensino.

## **INTRODUÇÃO**

O indivíduo surdo está cada dia mais unido como classe, como comunidade, buscando seus direitos, exigindo que se façam cumprir, mas muito mais ainda precisa ser feito. As políticas existentes precisam de fato ser realizadas, cumpridas e as que se buscam realizar, precisam sair do papel urgentemente.

Socialmente, esse indivíduo vem resgatando o seu lugar, como membro de uma cultura que está inserida em outra, é um indivíduo bilíngue, e vem mostrando que não é incapacitado porque não poder ouvir. Não se pode reduzir os conteúdos ou minimizá-los sem achar que isso não afetará o aprendizado do estudante. Tão pouco, esse mesmo estudante deve ser deixado de lado no processo avaliativo, aceitando-se qualquer produção, apenas para constar resultados nos parâmetros curriculares.

Há de ser ter uma consciência social responsiva e cabe também especialmente ao docente, a responsabilidade de buscar meios de interagir com esse estudante e construir a melhor forma de avaliá-lo, de extrair o seu aprendizado dos conteúdos.

O português e suas literaturas precisam ser estudados pelo o estudante surdo e as formas de avaliar devem ser proporcionais à forma de ensino. Hoje, esse sujeito, inserido em sua comunidade e interagindo com outras, constrói um discurso social e contributivo nesse meio. Atualmente, por exemplo, já encontramos literatura produzida por indivíduos surdos, retratando quase sempre suas experiências de conviver num mundo bilíngue. Mas a construção de uma literatura se faz por meio de apropriação de uma língua e de outras produções dessa mesma.

A literatura é um importante meio para a criança em fase de desenvolvimento linguístico, conseguir desenvolver e aprofundar esse conhecimento e diferente das crianças ouvintes, a criança surda que não dispõe dos estímulos auditivos para construir o elemento lúdico em sua mente, necessitará de outros recursos que as permitam, também não deixarem de construir o reconhecimento social, linguístico e de identidade que a literatura ajuda a construir em cada indivíduo.

Além disso, e especialmente, na literatura encontramos importantes recursos que auxiliam no processo de alfabetização das crianças, pois os textos irão servir para estimular a memória, a fantasia, o lúdico, fazer com que percebam a diferença de aspectos mais ou menos subjetivos para construção da identidade de cada um. Com a literatura é possível ter contato com uma ou mais línguas, com várias culturas, se reconhecerem como indivíduos dentro de um contexto social e linguístico.

Nesse sentido, fomos buscar o olhar de alguns docentes e tentaremos expor nesse estudo, algumas opiniões dos mesmos, quanto ao ensino e produção de textos literários nos seus mais variados gêneros no meio escolar e como esses estudantes estão se apropriando dessas ferramentas.

Falaremos brevemente a respeito da literatura e a surdez, sobre como o contexto histórico influencia diretamente nas produções literárias, tanto de sujeitos surdos como de ouvintes. As produções desenvolvidas como “literatura surda”, fomentam a expansão dessa cultura dos indivíduos surdos, seu fator social e identitário também. Elencamos algumas principais produções que estão circulando no mercado e como essas produções e formatos textuais vêm sendo trabalhados em sala de aula.

## O INDIVÍDUO SURDO E SUA CULTURA

O desconhecimento do meio ouvinte em relação ao universo da surdez pode gerar atitudes preconceituosas ou que limitam a acessibilidade comunicacional entre esses indivíduos. Nesse sentido, muitas pessoas sequer param para refletir sobre a questão cultural que o indivíduo surdo está inserido, ou no que produzem e fomentam.

Os indivíduos surdos não vivem à parte da sociedade, possui sua própria forma de comunicação e expressão e não devem ser de qualquer forma inferiorizados por isso. O que ocorre é que o grupo social majoritário isola culturalmente as minorias. A cultura ouvintista é explicada por Skliar como “... um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o indivíduo surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte” (1998, p. 15), nos mostra ter sido comum essa postura amparada por acontecimentos históricos que favoreceram esta atitude de que o indivíduo surdo seja visto pelo ouvinte como “o diferente”, num sentido pejorativo, alguém que não se classifica no modelo clínico de “normal” e sendo então visto como quem precisa ser curado, ‘consertado’, como se carregasse uma chaga, uma doença que necessita de tratamento e cura.

Caso fosse mesmo assim, que o indivíduo surdo precisa ser “consertado” em sua “doença”, num sentido de que: ao consertar sua audição ele voltará a ouvir e ser normal; então esse discurso, não raro também se estende à outras classes como podemos citar o que já falamos anteriormente, o caso de pessoas gays, que ao serem “consertadas”, transformar-se-iam magicamente em heterossexuais e assim por diante.

Sem querer fazer comparações, queremos apenas exemplificar que as diferenças existem e nem por isso precisam de algum reparo. Afinal, existem indivíduos surdos gay, héteros, assim como existem ouvintes gays e héteros. Todos continuam sendo pessoas. Parece que falta a compreensão de que a individualidade do outro jamais deveria ser encarada como “defeito”.

Se existe uma cultura do ouvinte ou do surdo diante do mundo, ela é a sua forma de entender o mesmo, de interagir no lugar que vive, ajustando-o às suas necessidades e percepções? Obviamente isso não inclui apenas sua forma de se expressar com sua língua própria, mas com todas as suas expressões de interatividade com outros sujeitos também com surdez, na construção da identidade de um povo. Alguns autores se referem à comunidade surda, como sinônimo de grupos de indivíduos surdos que participam em escolas, associações e outros ambientes sociais que fomentem o convívio especialmente com a língua de sinais que é sua principal característica, na produção de valores socioculturais.

Sabemos que desde o Congresso de Milão em 1880, muitos acontecimentos se deram no sentido de tentar colocar o indivíduo surdo num espaço que o reduzia como indivíduo, tirando-lhe a sua autonomia muitas vezes e sendo motivo para grandes lutas sociais para resgate dessa cultura. Nesse congresso, foi-se decidido que o oralismo deveria sobrepor a língua de sinais e as crianças surdas em idade escolar na época, foram obrigadas a abandonarem a sua língua materna, natural, impedida até mesmo de participar das comunidades surdas, a menos que o fizessem escondidas, pois eram castigadas se flagradas. Mas esse controle social não poderia ser vigia vinte quatro horas por dia e sempre que podiam, os indivíduos surdos voltavam ao uso de sua língua, ou criavam os seus próprios códigos. Não há como se sufocar uma língua que é viva.

Durante o decorrer dos séculos, muita luta já se estabeleceu a favor dos direitos do indivíduo surdo em relação ao uso de sua língua natural, no caso do Brasil a língua de sinais é a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Infelizmente, ainda hoje, muito restou desse posicionamento de “superioridade da língua falada e escrita”.

É importante salientar que de todos os votos a favor da abolição da língua de sinais do convívio escolar e familiar, negando-lhe o status de língua natural para certo perfil de pessoas surdas, nenhum desses, na época, foi de alguma pessoa com surdez. Ao contrário, eles foram proibidos de participar. Além de ser proibido uso de sinais, foi-se decidido que o melhor seria o emprego da “oralização”; leia-se um método cansativo de ensino, muitas vezes constrangedor para o sujeito surdo, que ao tentar oralizar como o ouvinte e não alcançando os mesmos resultados é encarado como “estranho”, “diferente” e “incapaz ou inferior”, um método que desestimulou muitos indivíduos surdos e por vezes, chegava a confundir-los quanto à própria identidade, já que não podiam falar em sua língua e também não conseguiam se expressar plenamente de modo oral.

Um método cruel sem dúvidas e que, ao longo dos séculos causou grandes lutas pelo retorno do uso dos sinais. Podemos perceber que ainda hoje as escolas se dividem nessas questões do uso da língua de sinais como primeira língua, tanto que vemos muitos professores exigindo o uso do português como língua dominante. A lei 10.436/02, já aborda a questão do ensino da Libras como parte integrante dos PCNs:

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente. (BRASIL, 2002)

As pessoas ouvintes acham muito natural disporem de sua própria língua para representação como fator de individualidade como um povo e nem sequer cogitam a possibilidade de uma língua universal para todo o planeta, porque obviamente, ter sua língua faz parte da construção da sua própria cultura. Da mesma forma, há diversas línguas de sinais espalhadas pelo mundo, cada uma com sua característica particular que a faz única, que ajudam nas construções de experiências e valores. Conforme bem colocado por Padden e Humphries: [...] uma cultura é um conjunto de comportamentos apreendidos de um grupo de pessoas que possuem sua própria língua, valores, regras de comportamento e tradições... (2000, p. 5).

Para isso entendemos que se uma língua está carregada de uma cultura de um povo, logo ela é uma referência desse mesmo povo, na construção de uma identidade que o faz valorizar a sua condição cultural, participando numa relação intercultural, sendo visto como diferente e não incapaz.

Talvez a grande questão na situação da não aceitação da cultura surda, talvez seja o fato de o sujeito ouvinte estar muito arraigado à questão hegemônica do universalismo, julgando apenas aquilo que é produzido por aqueles que ouvem e logo, a maioria, seja a única coisa válida. É como se veladamente houvesse um discurso que diz: “se não é construído por aquilo que considero dominante, então não tem valor ou ao menos, não o mesmo valor”.

Claro que também haverá os casos daqueles indivíduos surdos que não se reconhecem como tais, que preferem aderir ao discurso hegemônico da cultura ouvintista, dada a grande pressão social ao longo dos séculos, o que pode causar geralmente grande confusão no sujeito surdo, que ao se aperceber diferente do ouvinte, não se vê “encaixado”, portanto, em nenhuma situações culturais, Quanto a isso, Veiga-Neto nos diz:

Na relação com o ouvinte, o surdo foi ensinado a olhar-se e a narrar-se como um deficiente auditivo. A marca da deficiência determinou, durante a história dos surdos e da surdez, a condição de submissão ao normal ouvinte. Dessa história de submissão, criaram-se práticas corretivas derivadas de saberes que informam e classificam os sujeitos dentro de fases de desenvolvimento linguístico... e de perda auditiva. (2006, p. 85).

O ouvinte então passa a ser um padrão a ser seguido e esses discursos facilmente encontrados em clínicas médicas, pregam que é preciso buscar a “cura”, seja por tratamento com fonoaudiólogos, implantes cocleares, ou uso de aparelhos auditivos de última geração. Tudo para tentar inserir o indivíduo surdo na cultura ouvintista, como se, do contrário, não pudesse ser uma pessoa normal e feliz. Ainda há de se ressaltar que esses métodos de “cura”

quase nunca dão resultados satisfatórios, pois os graus de surdez diferem de indivíduo para indivíduo.

Privar, por exemplo, uma criança surda de uma identidade cultural construída pelos próprios sujeitos surdos, pode gerar na mesma um sentimento de negação da surdez, o que deverá afetar seu desenvolvimento em relação ao mundo que terá de interagir. Não é nem tão difícil assim encontrar pessoas que se envergonhem do fato de serem surdas e que não possuem o português como primeira língua, tão pouco são usuárias da língua de sinais. O conceito errado de normalidade criado por ouvintes que não toleravam e ainda não toleram a surdez, acaba por afetar esses indivíduos que terminam por não se reconhecerem em nenhum desses universos. É o discurso de que precisam se tornar “normais”, se “curarem” para serem aceitos.

É por causa dessa discriminação nada velada contra a cultura surda e sua emancipação que vem crescendo ao longo dos últimos anos, os movimentos de lutas políticas dos indivíduos surdos a favor de sua autonomia e garantia de sua identidade. Desde então, a cultura surda vem conquistando mais espaço no meio ouvinte, maior reconhecimento da diferença como fator primordial para o respeito de si mesmo e do outro.

### **A LITERATURA DIRIGIDA PARA A PESSOA SURDA NO BRASIL**

O contexto histórico influencia diretamente nas produções literárias. Percebemos que enquanto as línguas de sinais foram proibidas, não houve um desenvolvimento da literatura produzida pelos indivíduos surdos, como instrumento de fomentação da cultura e identidade dos mesmos.

Acreditamos que os sujeitos surdos produziam alguma forma de material que pode ser considerado literário e que esse só não era publicado, por não ser reconhecido como produção literária, num espaço que dava e ainda dá prioridade à Língua Portuguesa.

Hoje em dia, muito se tem feito pelas produções literárias produzidas por indivíduos surdos, como traduções dos clássicos infantis e novas histórias que falam da realidade do sujeito surdo em sociedade. Essas produções têm sido bem aceitas pelas comunidades surdas e os profissionais da educação que trabalham com estudantes surdos.

Algumas instituições que estão se colocando nessa marcha e tendo êxito são: a editora Arara Azul, FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) bem como o projeto LIBRAS É LEGAL, que vem fomentando a ampliação da literatura no meio da comunidade surda. Não raro, é usada a expressão “Literatura Surda”, para os textos produzidos por indivíduos surdos ou não,

que contemplem a realidade sócio-cultural do sujeito surdo como a sua língua, vivência no meio ouvinte e em sua própria comunidade, bem como as traduções e adaptações feitas dos clássicos literários para a realidade surda.

O ato de contar histórias é milenar. Os indivíduos surdos sempre trocam histórias entre si, piadas, episódios do dia a dia, fatos que surgem em sua comunidade, tudo pode ser material para histórias, geralmente retratando as diferenças entre a cultura surda e a ouvinte, suas convivências com ouvintes seja na escola, trabalho, na rua, o que induz naturalmente a interações.

As produções desenvolvidas como literatura surda, fomentam a expansão dessa cultura, seu fator linguístico, social e identitário. Algumas produções também giram em torno de traduções de textos em português para a Libras, alguns retratando a literatura Universal, outras a realidade brasileira, no formato de livros e CD-R (Libras/português).

- Alguns dos clássicos traduzidos pela editora Arara Azul, por exemplo, são:
- Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll, 2002);
- As aventuras de Pinóquio (Carlo Collodi, 2003);
- A história de Aladim e a lâmpada maravilhosa, (2004);
- Dom Quixote (Livro Digital Português/Libras) (Cervantes, 2009);
- Fábulas (La fontaine, - tradução. 2011);
- Historetas contadas em Libras (Gildete Amorim, 2013);
- João e Maria (Grimm – tradução – 2011);
- Letramento para surdos e ouvintes: O uso de cenários sociais (Clélia Regina Ramos. Tradução para a Libras Gildete Amorim, 2013);
- O Gato de Botas (Perraut – tradução – 2011);
- O Soldadinho de Chumbo (Hans Christian Andersen, 2011);
- Peter Pan (Livro Digital Português/Libras) (J. M. Barrie, 2009);
- Primeiras Frases em Libras (Flávio Milani e Gildete Amorim, 2009);
- Primeiros Sinais em Libras (Janine Oliveira, Laramie Rodrigues Ribeiro, Marcus Vinícius Freitas Pinheiro e Toríbio Ramos Malagodi (Tradutores para a Libras, 2008);
- Uma Aventura do Saci Pererê (Clélia Regina Ramos, 2011);

Há também obras relevantes da literatura brasileira:

- Iracema (José de Alencar, 2002);

- O Velho da Horta ( Gil Vicente – trad. Marlene Pereira do Prado e Juan Nascimento Guimarães, 2004);
- O Alienista (Machado de Assis, 2004);
- O Caso da Vara (Machado de Assis, 2005);
- A Missa do Galo (Machado de Assis, 2005);
- A cartomante (Machado de Assis 2005);
- O Relógio de Ouro (Machado de Assis 2005);

Há também alguns livros em formato de impressão que abordam a temática especificamente surda, escritos geralmente por indivíduos surdos:

- Tibi e Joca (Bisol, 2001),
- A cigarra e as formigas (Oliveira; Boldo, 2003),
- Kit Libras é Legal (2003), O Som do Silêncio (Cotes, 2004),
- Cinderela Surda (Hessel; Rosa; Karnopp, 2003),
- Rapunzel Surda (Silveira; Rosa; Karnopp, 2003),
- Adão e Eva (Rosa; Karnopp, 2005), Patinho Surdo (Rosa; Karnopp, 2005).

O reconhecimento da LIBRAS como língua possibilitou um avanço dessas construções literárias por parte do indivíduo surdo e para esse sujeito. Diante do contexto plurilíngue em que o sujeito surdo se encontra, especialmente no ambiente escolar, surgem algumas questões referentes ao uso e conhecimento dessa Literatura, afinal, numa sala em que a maioria dos estudantes sejam ouvintes, é pouco provável que o professor ouvinte acabe optando por selecionar o uso de uma literatura que esteja adaptada ao estudantes surdo.

Nas Escolas Especiais para sujeitos surdos, o uso desses materiais, selecionados por professores surdos, para estudantes surdos, já se faz de uma forma mais frequente e pontual, num intercâmbio em que as realidades são aproximadas tanto para professor, quanto para o discente.

Histórias em formato impresso ou digital estimulam o vocabulário e o ganho de habilidades para crianças surdas. As narrativas traduzidas ou adaptadas para a Linguagem Brasileira de Sinais (Libras) são ainda mais indicadas, segundo especialistas. Para a professora e coordenadora do Núcleo de Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Elideia Bernadino, o contato com a Libras deve ser incentivado desde cedo. “O quanto antes [a criança] tiver contato com a Libras, melhor pra ela, porque vai ajudar no desenvolvimento cognitivo e ela vai adquirir uma língua cedo. O aprendizado da Libras não vai interferir no aprendizado do português”, afirma.

[...]

Segundo Elideia, narrativas elaboradas para as crianças surdas também devem ter elementos do português para que os pais compreendam e transmitam a mensagem aos filhos. “A história geralmente é sinalizada e tem legendas para os

familiares entenderem o que é falado. O objetivo é chegar ao surdo pela sinalização e não pela legenda. Por isto, até a posição da leitura é diferente, pois a criança tem que ver o rosto de quem conta”, reflete a pesquisadora. (Elideia Bernadino, coordenadora do Núcleo de Libras da UFMG In Literatura em Libras estimula inclusão e desenvolvimento de crianças surdas – G1 – Minas Gerais).

Nesse sentido, podemos nos questionar como os formatos textuais estão sendo trabalhados, para um desenvolvimento da leitura, interpretação e contextualização, no dia a dia desses estudantes que frequentam salas de Educação Especial. Como se dá o contato desses estudantes com a Literatura e como os professores surdos e ouvintes estão trabalhando com esses componentes curriculares, quais principais desafios esses professores estão tendo que enfrentar? É possível formar leitores que não possuem a Língua Portuguesa como primeira língua?

Ademais, não sendo um sujeito surdo igual ao outro, cada um pode ter vivido ao longo do tempo, experiências culturais diferenciadas, o que pode ou não promover o interesse pessoal desse discente quanto à Literatura. Sabemos que com o advento do bilinguismo, desde a década de 80, o indivíduo surdo consegue posicionar-se como sendo usuário de uma língua que não é o português, contudo, nas escolas, os indivíduos surdos muitas vezes se deparam com espaços educacionais que deveriam promover o bilinguismo como fator para inclusão, mas, na prática ainda deixam muito a desejar. Percebemos isso constantemente nos formatos de avaliação que não favorecem o sujeito surdo, avaliações elaboradas e cobradas por que utiliza português como primeira língua e para quem também a utiliza como L1, ou quando o professor ouvinte insiste em oralizar para o estudante surdo, na convicção de que se falar devagar ele entenderá todo o conteúdo passado, ou quando esse discente deixa de entregar uma atividade ou deixa de estudar para uma prova, porque não foi avisado, ou ainda quando as crianças surdas são deixadas de lado nas brincadeiras em que seja preciso oralizar, como cirandas entre outras. Os exemplos são diversos. Vejamos um trecho do trabalho de Darlene Seabra, que relata alguns acontecimentos ocorridos com ela durante a época escolar:

[...] Nós realmente sofremos porque os professores acredito, não aceitavam a diferença do Surdo. A professora Norma Maciel tentava conversar com eles, e depois eles entendiam; quando tinha prova, eles chamavam a Norma Maciel, que lia e traduzia para o português.

Algumas pessoas têm preconceito porque não aceitam que nós, surdos, participemos de grupos de trabalho, de apresentações. Sempre ficávamos juntos só os surdos e mais dois ouvintes que demonstravam interesse em participar com a gente. [...] (Darlene Seabra de Lira - a experiência e opinião dos surdos nas escolas com inclusão).

Esse educador deve estar atento ao nível linguístico do seu estudante, pois, reconhecendo existir diversos gêneros literários, é possível que o professor inicie trabalhando com os menos complexos, até chegar naqueles que necessita de um maior debruçar. Em aulas de Literatura, além de formatos variados para os conteúdos a serem passados, vele lembrar que outros meios também são cabíveis e aceitáveis, segundo Cereja:

[...] sem perder de vista o objeto central – o texto literário –, na aula de Literatura cabe música popular, a pintura, a escultura, a fotografia, o cinema, o teatro, a TV, o cartum, o quadrinho. Cabem, enfim, todas as linguagens e todos os textos, ou seja, a vida que com literatura dialoga. (CEREJA, 2005, p. 201).

O professor servir de mediador nesse sentido é de fundamental importância, para tornar a experiência de leitura e produção textual agradável. Muitos estudantes surdos costumam ter queixas quanto à leitura, devido às suas experiências com pouco sucesso durante seu histórico escolar. Muitos professores em contrapartida, tem sentido surtir mais efeitos quando utilizam outros métodos associados à leitura, como os visuais, já que a LIBRAS é uma língua visual, sem, contudo dirimir a importância do texto original, na busca de alcançar os objetivos pretendidos.

Para isso, decidimos desenvolver um questionário que será direcionado para esses dois perfis de professores, tanto sujeitos ouvinte como surdo e a partir das respostas de suas experiências profissionais e de vivência, tentaremos chegar a um resultado de análise.

Com base em nossa pesquisa com professores que utilizam a Língua de sinais, podemos perceber seus posicionamentos em relação ao uso dessas literaturas produzidas para o público surdo, é de que todos os entrevistados conhecem essas produções, tem acesso e procuram usá-las em sala de aula em diversas oportunidades, buscando extrair do discente seu entendimento do conteúdo e em que esse conhecimento contribui para sua formação como ser social.

Uma observação pertinente por parte do professor B; foi de que essas traduções em DVD-R, chegam aqui no nordeste com alguns sinais característicos de outras regiões, como sul e sudeste, fazendo o professor optar por uma “tradução da tradução” ou “tradução do original”, levando em consideração principalmente, que há poucos materiais nesses formatos para serem trabalhados e assim, dar ênfase ao uso desses que vêm de outras regiões do país e que são as únicas produções disponíveis.

Conforme a opinião do professor C é importante o uso desses acessórios em sala de aula, pois estimulam o interesse dos estudantes em relação aos textos, havendo maior envolvimento deles com o conteúdo, do que se fosse dado apenas em português escrito.

Vemos nesse sentido um mercado muito aberto para novas produções, tanto por sujeitos ouvintes como surdos, para que o leque de opções de torne cada vez mais vasto e satisfatório. Percebemos também, que editoras nordestinas, podem passar a debruçar-se sobre as publicações desses materiais, com um auxílio de tradutores que sejam da região, criando assim um material mais regional.

De acordo com as resposta dos três professores entrevistados, notamos que todos, ao trabalharem com textos escritos, preferem antes fazer algum tipo de tradução ou adaptação que permita um contato mais imediato com o estudante surdo, do que trazer para sala de aula o texto corrido em português, pois notam que o interesse dos estudantes não é o mesmo quando o texto é apenas em português, e muitos sequer entendem a leitura, por não possuírem ainda a construção da leitura completamente formada. Independente de a escolha ser por livros didáticos ou paradidáticos, é unânime que prefiram adaptar o texto de alguma maneira se a escolha for feita a partir de texto em português. Suas escolhas também refletem uma preocupação da construção da consciência social e da identidade desses discentes.

Algumas perguntas direcionadas aos professores entrevistados nos revelaram as seguintes opiniões: Com relação à “simplificação” ou “redução” de textos escritos em português, para uma adaptação para a Libras responderam de forma universal que é necessário adaptar o texto para Libras, recorrendo ao uso de outros recursos visuais como figuras, vídeos e outros que possam ajudar na construção do conhecimento. Essa adaptação se dá especialmente pelo fato de a criança surda ainda não ter total apropriação de sua língua e necessitar desse período das séries iniciais para construção desse conhecimento. Isso porque a experiência visual para o surdo constrói conhecimento no processo de comunicação com os meios externos que são interiorizados como símbolos, tomando assim um significado.

A Libras é o meio fundamental pelo qual o surdo constrói seu conhecimento nesse processo de decodificação do meio e o professor possui uma importante e desafiadora função, que é estimular e produzir meios que possam auxiliar o estudantes nessas suas construções. Ainda com relação à literatura construída para o público surdo, seja pelos próprios indivíduos surdos ou ouvintes, expõem que é comum lançarem mão desse material literário para diversos usos como aquisição da linguagem, leitura e letramento, trabalhando os contextos sociais e identitários envolvidos. E ressaltam que os resultados são satisfatórios.

PROFESSOR – A [...] trabalho expressões faciais. Faço perguntas. É uma aula muito visual. Quando traduzo para o visual, eles compreendem, evoluem.

PROFESSOR – B [...] utilizo material produzido como literatura surda, embora perceba que os sinais que chegam de fora são diferentes, precisam ser adaptados. Construimos histórias em sala de aula e o estudante leva para casa para interagir com os pais.

PROFESSOR – C [...] Trabalhei Literatura usando poesia, literatura surda e foi bom porque as crianças se interessam. Às vezes só estudam literatura direto do português e não se interessam, não fica muito claro, falta algo. Quando veem o mesmo em Libras, mudam a postura, gostam e se interessam.

Nessas respostas, percebemos ser comum a escolha ser guiada pelo interesse dos estudantes, aquilo que mais lhes chamará a atenção. É feita geralmente uma adaptação para a língua em uso, no caso a Libras, para um maior aproveitamento do texto e não para empobrecê-lo. Ao contrário, as decisões de adaptação para Libras, segue justamente o critério do conhecimento de que essas duas línguas possuem estruturas diferentes e precisam ser trabalhadas cada uma de uma forma que melhor vá produzir efeitos nos estudantes. A contextualização e a questão da identidade são sempre lembradas nas falas desses professores.

Quando questionados sobre gêneros e formatos textuais mais adequados, as respostas obtidas foram:

PROFESSOR – A [...] procuro escolher textos com antecedência e pensar numa forma de como trabalhá-lo com o surdo. Pergunto sua opinião como indivíduo surdo e vou explicando. O aluno surdo aprende muito mais rápido com o visual.

PROFESSOR – B [...] para despertar a conversação, a história em quadrinhos, porque se identificam com coisas que chamem a atenção deles. Vejo o que eles mais gostam. A gente trabalha vocabulário... Sempre conto, peço pra contarem..

PROFESSOR – C [...] Livro, jornal, Para aprender a ler com mais velocidade eu acredito ser ainda o livro, porque possui uma variedade de material, inclusive ilustrações.

Percebemos que o letramento de estudantes surdos, busca alternativas de aproximar esse estudante com o meio gráfico da língua portuguesa, que ele também precisará usar no seu dia a dia, como também estimular os meios visuais analíticos para essa aprendizagem e fixação por meio dos instrumentos que a língua de sinais possibilita na construção da identificação do texto como uma ferramenta de relações sociais e quanto maiores as experiências diversificadas com a leitura, quanto maior será a possibilidade de apreensão dessa língua e sua prática social.

A literatura possui esse dom de aprofundar a aprendizagem, conhecimento e consciência dos indivíduos, ajudando-os a se tornarem mais esclarecidos quanto àquilo que

desejam alcançar. A literatura consegue mediar um contexto que não se detém apenas aos portões da escola, mas que alcança o mundo colabora na construção de sujeitos mais críticos e conscientes de seu papel social e identitário.

## CONCLUSÃO

Muito se tem avançado em relação aos estudos culturais na área da surdez e como comunidade muito ainda há para se conquistar. Os indivíduos surdos seguem a marcha na busca pela conquista dos seus direitos, de se estabelecerem como povo realmente bilíngue, que tenham essa característica respeitada na sociedade em que vivem.

O ambiente escolar ainda precisa tornar-se multicultural, aceitar a diferença de forma a não impor-lhe sua supremacia protegida por um discurso histórico e político de repressão. A sociedade precisa perceber e ou aceitar que o surdo não é um sujeito incapaz, que não precisa de caridade social, mas de ser respeitado em suas diferenças, de espaço para desenvolver sua cultura sem traumas.

Muito já se caminhou ao longo da história e hoje se procura acertar os passos em relação à questão dos direitos dos indivíduos surdos, compreendê-lo como indivíduo que compartilha a mesma sociedade e como tão humano quanto qualquer outro também possui as mesmas necessidades, em graus diferenciados, como ocorre a qualquer ser humano.

Espera-se que os avanços na questão política, educacional e social como um todo permaneçam evoluindo, e não estanque, como verificamos no percurso histórico e que não trouxe nenhum benefício aos envolvidos, que no caso, somos todos nós.

Em relação à Literatura no âmbito educacional de indivíduos surdos, percebemos que seu desenvolvimento poderá contribuir positivamente na formação do indivíduo, ajudando-o a desenvolver inclusive o português como segunda língua fluente. Dependerá de um esforço conjunto entre estudantes e docentes, para que esses textos selecionados durante o ano letivo surtam os efeitos desejados.

Os professores se deparam diariamente com diversos desafios, mas a sua postura diante dessas dificuldades é o que fará a diferença entre o seu fazer ou não fazer pedagógico. Diante do grande mercado literário existente que respira aceleração, o educador como ser social, dotado das práticas educativas, deve buscar e promover os meios de oportunizar ao surdo o acesso ao descobrimento dos mais variados tipo de literatura disponível no mundo social em que vive. E para que os mesmos como comunidade, possam continuar a construir sua própria Literatura, na sua representação identitária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNADINO, Elideia. **Literatura em Libras estimula inclusão e desenvolvimento de crianças surdas.** Entrevista concedida a Fernanda Brescia. Disponível em <<http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2011/10/literatura-em-libras-estimula-inclusao-e-desenvolvimento-de-criancas-surdas.html>>. Acesso em 09 de fevereiro de 2014.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências,** Brasília. 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)> Acesso em 12/02/2012.

CEREJA, W. R. **Ensino de Literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura.** São Paulo: Atual, 2005.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in América: voices from a culture.** In STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008, p. 30.

SEABRA, Darlene de Lira. **A experiência e opinião dos surdos nas escolas com inclusão.** Disponível em <[http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/750/monografia\\_darlene\\_s\\_lira.pdf](http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/750/monografia_darlene_s_lira.pdf)>. Acesso em 16 de fevereiro de 2014.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e das diferenças.** In **A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: Editora Mediação, 1998-a.

\_\_\_\_\_, Carlos. **A forma visual de entender o mundo.** In **Educação para todos.** Revista especial, SEED/DEE Curitiba, Editora, 1998-b.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Marcadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar.** *Perspectiva:* Florianópolis, v. 24. n. Especial, p. 81-100, jul./dez. 2006